



CIBERIDEOLOGIA: NOVOS HORIZONTES IDEOLÓGICOS NO CAPITAL DIGITAL INFORMACIONAL

EDUARDO EBBERS CARNEIRO LEÃO

RESUMO

Visando lançar um olhar filosófico/sociológico para as atuais mudanças estruturais na produção social em curso referenciadas a partir das aplicações das TICs (tecnologias da informação e comunicação) e das tendências da automação da produção baseada nos parâmetros da indústria 4.0, o presente trabalho busca apontar o surgimento de um inédito, mas de forma alguma independente, discurso ideológico que emerge a partir das mudanças nos meios de produção social e da inevitável necessidade de reorientação social na forma de um novo conjunto de referenciais de valores simbólicos e materiais que se adéquem aos interesses de classe das personificações do capital. Este novo corpo ideológico tem por fim a justificação e o amaciamento das contradições do sistema vigente e a readequação social para os novos parâmetros da produção ensejados no projeto da indústria 4.0. Por fim indicamos a aplicação prática dessa ideologia nas estruturas laborais ensejadas no modelo de negócios do UBER como práticas discursivas mobilizadoras que tem por fim o escamoteamento da exploração do mais valor em desigual relação de trabalho assalariado e desregulamentado.

Palavras chave: Ideologia, Capitalismo, Produção, Indústria, Tecnologia, TICs, Uber.

Introdução

No rastro de uma nova mudança nas estruturas de produção social ensejada nas correntes da indústria 4.0³³, com o gradual e acelerado aumento da automatização na produção, assim como a implementação em escalas progressivamente mais complexas das TICs (Tecnologias da informação e comunicação), uma nova acepção de uma ideologia dominante vem se formando em um horizonte próximo.

Emergindo de um conflituoso cenário das sociedades industriais do séc. XX e toda sua herança de contradições - que ainda se abatem com devastadora força sob a larga maioria da humanidade em nossa contemporaneidade - essa nova ideologia, amparada nos contínuos e progressivos avanços da ciência e da tecnologia, sobretudo as da informação e comunicação, aliada ao velho sonho liberal da libertação pela tecnologia³⁴ em uma fanta-

33. Indústria 4.0 ou quarta revolução industrial é um conceito que engloba as principais inovações tecnológicas no campo da automação e troca de dados para os processos de produção fabril. O termo tem origem no projeto estratégico de alta tecnologia encomendado pelo governo Alemão em 2012 e promove a automação e informatização da manufatura através da utilização de algumas técnicas computacionais-cibernéticas como sistemas ciberfísicos, internet das coisas e computação em nuvem.

34. Trata-se das principais teses e formulações quanto a perda da centralidade e relevância do trabalho como elemento societal estruturante no capitalismo. A hipostasiada superação do trabalho pelo avanço tecnocientífico, e pelo advento da sociedade da informação anunciada por André Gorz em Adeus ao proletariado: para além do socialismo (Forense



siosa transcendência das asperezas do capitalismo, tem por maximus finis a manutenção do status quo social político-econômico dominante, proporcionando proteção e segurança a classe no topo da hierarquia social estabelecida, reafirmando sua posição de dominância nas estruturas de subordinação e controle social, assim como na substituição do antigo corpo ideológico³⁵ que se inicia no pós-guerra e que perde consenso. Ao mesmo tempo em que escamoteia intencionalmente as perniciosas e embaraçosas contradições associadas à destrutiva e incontrolável processualidade do modo de produção do capital na atual era financeira-informacional-digital, tanto as já estabelecidas desigualdades em permanência, como na introdução de inéditos mecanismos de extração do mais valor pela intensificação dos processos de precarização do trabalho em escala ampliada e exponencial via aparato cibernético-digital-informacional.

Essa nova ideologia, imbricada e concatenada com as mudanças nos meios de produção social e interesses da classe dominante do capital em sua atual fase financeira-informacional-digital, que é sua manifestação como consciência social orientada para prática, chamamos de Ciberideologia.

Ciberideologia; um espetáculo de iscas luminosas.

Por trás da impenetrabilidade dos objetos/mercadorias tecnológicas, produzidas pela matriz produtiva do capital em sua atual fase histórica, esconde-se uma dimensão que nos escapa a primeira aproximação. Sob a superfície lisa, ascética e reluzente dos displays multicoloridos de smartphones, tablets, TVs e notebooks há uma textura áspera, suja e sombria a qual não conseguimos determinar, mas que inversamente nos determina, que não entra em nosso quadro referencial do real. Essa dimensão que nos escapa, essa lacuna na presença densa, objetiva das mercadorias tecnológicas é o campo onde a ideologia deve operar, onde todo o seu arsenal discursivo, todas as estratégias escamoteadoras devem ser aplicadas. Todo o chamariz reluzente de pixels e bits do espetáculo multicolorido em ultravelocidade e definição que é apresentado a nossos sedentos e famintos sentidos, e desejos, tem essa função “ofuscante”, de chamariz para nossa atenção, para que essa dimensão do real, não aparente a primeira vista, permaneça em uma zona opaca de nossas mentes, para que estejam sempre fora do nosso quadro referencial do real. Esse espetáculo agitado e reluzente tem função análoga às das pequenas lanterninhas químicas de alguns peixes abissais de atrair desolados peixinhos para a verdadeira escuridão final de

Universitária, Rio de Janeiro, 1982) e atualizadas por célebres autores com Claus Offe em Trabalho e sociedade: problemas estruturais e perspectivas para o futuro da sociedade do trabalho (Biblioteca Tempo Universitário, Rio de Janeiro, 1991), Jürgen Habermas em Teoria da ação comunicativa (Madri, Taurus, 1987) e Manuel Castells em A era da informação: economia, sociedade e cultura (São Paulo, Paz e Terra, 2007).

35. Paradigma do desenvolvimentismo que foi amplamente disseminado pela Escola Sociológica americana no pós-guerra e decisivamente influenciada pelas ideias keynesianas.



seus estômagos esfomeados sem que esses se deem conta, no fim essas “iscas luminosas” é todo o real que esses desolados peixinhos podem capturar.

Nas tradições religiosas a luz assume a forma de elemento libertador associado a uma divindade ou messias, na tradição do conhecimento humano a luz sempre serviu de metáfora para a razão que “afasta as trevas da ignorância” como elemento positivo, revelador, daí a expressão esclarecimento. A dualidade luz/trevas e seu relacionamento, usado como referencial onde a luz assume o papel positivo-ativo-presente e as trevas o papel negativo-passivo-ausente, deve sofrer uma inversão radical para que consigamos penetrar nessa dimensão fora de nosso alcance, pois a ciberideologia como ideologia da atual era digital -informacional-conectada³⁶ que emana dos objetos/mercadorias desse sistema de produção social, assume um excesso de luz de modo que a torne ofuscante, que “queime” as retinas nos obrigando a fechar os olhos. Dessa maneira a luz então assume o papel inverso de seu propósito original, pois obscurece a visão pelo excesso. Assumindo essa posição, imediatamente torna seu nêmeses, as trevas, como elemento agora positivo, o elemento que “clareia” a percepção numa completa inversão dialética.

Cabe aqui fazer-nos a pergunta; se um “excesso de trevas” provocaria análogo resultado. E aplicando os mesmos pressupostos de excesso percebemos que pouco importa o extremo do espectro assumido, luz/trevas pouco importa, o excesso de ambos produz o mesmo resultado, ou seja, impedem a captura do real. Seguindo essa inversão radical do papel da luz na tradição, devemos adotar a via contrária e “apagar as luzes”, dispensando assim as iscas luminosas que aliciam nossos sentidos e desejos, lançando nossa razão para a dimensão enegrecida e opaca desses objetos/mercadorias, olhar para esses espelhos negros e capturar a imagem refletida em sua superfície. E o que vemos refletido nesses espelhos negros se não uma face humana? Ou seja, a dimensão que nos escapa e que só pode ser capturada a partir dessa “escuridão tecnológica” pelo suspender do espetáculo de luzes da ciberideologia, o que permanece é a própria dimensão humana, a dimensão das relações sociais de produção e reprodução do sistema capitalista em sua atual fase financeirizada-digital-informacional que é o verdadeiro motor que engendra o espetáculo das luzes, dessas luzes em excesso que ofuscam nossa mediação com a realidade que nos cerca, nos determina e ancora toda a razão prática que anima, sustenta e estrutura o sistema - tanto as dimensões aparentes como aquelas escamoteadas. Esse espetáculo das luzes, essas iscas luminosas como inédito, mas de forma alguma independente, corpo ideológico da nossa era virtual-digital-conectada, chamamos de Ciberideologia.

A dimensão ofuscada pelo espetáculo de luzes da ciberideologia, a dimensão necessariamente humana dos objetos/mercadorias de nosso *cibercapitalismo*, que só pode ser

36. ANTUNES, R, O privilegio da servidão, Boitempo, São Paulo, 2018.



acessada através do suspender dessas luzes ofuscantes, é a *dimensão do trabalho*, a dimensão social ofuscada pelas tramas luminosas da ciberideologia. Não podemos nos deixar enganar, para a produção de toda e qualquer tecnologia da matriz digital-informacional de nossa era digital é necessário mãos, suor e sangue humanos para sua objetificação. O primeiro passo para se chegar a smartphones e similares, as famosas TICs, tem início na extração mineral das minas de carvão e ferro geralmente alocadas na parte sul do globo. É pelo trabalho quase insuportável realizado por verdadeiros exércitos de mineiros, geralmente em condições precárias de trabalho, que surgem as maravilhas de nossa “fantástica” era digital, assim o paraíso digital se origina no inferno mineral. O ponto de partida do mundo virtual, on-line inicia-se na carne desses homens e mulheres, esquecidos pela história de nossa era, são os verdadeiros “fantasmas da máquina” presentes, mas invisibilizados pelas luzes ofuscantes da ciberideologia. São esses, e tantos outros “fantasmas de carne” que nos lembram da necessidade de “apagar as luzes”, para não fignarmos as iscas luminosas, para que nós mesmos não nos tornemos, assim como eles, fantasmas de carne.

Ideologia e ciberideologia.

A ideologia é inescapável ao ser humano. Como manifestação da consciência, neste caso consciência social orientada a uma práxis preestabelecida dentro do quadro referencial da sociedade de classes, é continuação e exteriorização da própria consciência humana, que se origina na mente e desdobra-se sobre si mesma via reflexo dialético retornando a sua origem; a consciência humana. Seu poder não pode ser subestimado, ainda que seja moda para alguns pensadores a afirmação categórica quanto a superação da ideologia em uma suposta “sociedade pós-industrial”³⁷ e “pós-ideológica”³⁸ em postulações puramente fantasiosas e mistificadoras. Seus efeitos afetam a consciência das sociedades de maneira totalizante, de modo a alcançar tanto àqueles indivíduos ou grupos que negam sua existência, sua posição em conformidade a uma modalidade ideológica, quanto àqueles que reconhecem abertamente seus interesses e valores concatenados a uma ideologia. É uma consciência social, logo inseparável dos meios de produção social do animal em via de hominização³⁹ e suas sociedades e civilizações que percorrem o curso da história, e por isso refletem (manifestam) seus interesses, explícito ou oculto, a partir de várias estratégias discursivas e em oposição. O professor Istiván Mészáros em sua obra; *O poder da Ideologia*⁴⁰ descreve seu recorte conceitual, o qual adotamos como referência para nossa conceitualização sobre ideologia:

37. BELL, D. *O Advento da Sociedade Pós-Industrial*. São Paulo. Cultrix. 1974.

38. BELL, D. *O Fim da Ideologia*. Brasília. Coleção Pensamento político. 1980.

39. PINTO, AV, *O conceito de tecnologia* vol. 1.

40. MÉSZÁROS, I. *O Poder da Ideologia*, São Paulo, Boitempo, 2004.



(...) A ideologia não é ilusão nem superstição religiosa de indivíduos mal orientados, mas uma forma específica de consciência social, materialmente ancorada e sustentada. Como tal não pode ser superada na sociedade de classes. Sua persistência se deve ao fato de ser constituída objetivamente (e constantemente reconstituída) como consciência prática inevitável das sociedades de classe, relacionada com a articulação de conjunto de valores e estratégias rivais que tentam controlar o metabolismo social em todos os seus principais aspectos. Os interesses sociais que se desenvolvem ao longo da história se entrelaçam conflituosamente, manifestam-se no plano da consciência social, na grande diversidade de discursos ideológicos relativamente autônomos (mas de modo algum independentes) que refletem forte influência sobre os processos materiais tangíveis do metabolismo social.⁴¹

A partir dessas linhas podemos identificar nosso conceito de Ciberideologia em consonância com a conceituação de Mészáros dentro do quadro referencial do conflito entre ideologias, como consciência social prática, neste caso orientada aos interesses do capital em sua atual fase histórica, assim como o reconhecimento da influência de suas orientações práticas nos processos materiais tangíveis, orientando a produção do mais valor tanto na criação de produtos materiais (mercadorias), como na elaboração de estratégias de exploração efetiva direta do trabalho (serviço).

Adequada às necessidades da produção e reprodução continuada do mais valor e sua eterna circulação autorreferencial, agora sob novo arcabouço maquínico e cibernético da manufatura, a Ciberideologia emerge como nova consciência social prática associada ao capitalismo em sua atual fase financeirizada e informacional. Como uma forma específica de consciência social orientada à prática das relações de produção estabelecidas é inseparável das mudanças da produção material social em curso, ambas, consciência social e relações de produção, estão necessariamente imbricadas e relacionam-se a partir de um complexo inter-relacionamento dialético, cada uma gerando seu próprio “campo de força”, exercendo influência uma sobre a outra em relação de produção e reprodução. Como bem apontado por Marx em seminal passagem do Grundrisse em que desenvolve os aspectos dialéticos da produção-consumo⁴²:

Fome é fome, mas fome satisfeita pela carne cozida e comida com garfo e faca é diferente daquela que devora carne crua com as mãos, unhas e dentes. Assim sendo a produção não produz apenas o objeto, mas também a maneira de consumo, não apenas objetivamente, mas também subjetivamente. A produção não apenas supre um material para a necessidade, mas também uma necessidade para o material. Tão logo o consumo sai de seu estado inicial, deixando de ser cru e imediato - e, se permanecesse nesse estágio, seria porque a própria produção teria se interrompido naquele ponto - ele, enquanto impulso, se torna mediado pelo objeto. A necessidade que o consumo sente do objeto é criada pela percepção do objeto. O objeto de arte - como qualquer outro produto - cria um público sensível

41. Ibidem, pág.65.

42. Marx, K. Grundrisse. Boitempo, São Paulo, 2011.



à arte e desfruta a beleza. Portanto a produção não apenas cria um objeto para o sujeito, mas também o sujeito para o objeto. Assim a produção produz consumo: 1) Criando um material para ele. 2) determinando a maneira do consumo; e 3) criando os produtos, inicialmente estabelecidos por ela como objetos, na forma de uma necessidade física sentida pelo consumidor. Produz, deste modo, o objeto do consumo, a maneira do consumo e o motivo do consumo. Do mesmo modo, o consumo produz a tendência do produtor, acenando-lhe como uma necessidade que determina os objetivos dele.⁴³

São desses desdobramentos, a partir desse movimento dialético, de reflexão e autorreflexão, que a Ciberideologia vai tomando corpo em um conjunto de valores, símbolos e signos na sociedade de mercadorias, se manifestando não apenas como forma/mercadoria, mas também como modo de consumo gerando ontologias sociais, práticas e costumes que emergem no corpo social como evidenciado pelo amplo alcance de suas temáticas, expressas nos mais variados campos da manifestação do fenômeno humano; na cultura, na arte, na literatura, na filosofia, na teoria social, e no senso comum como um todo. Para nos situarmos no mesmo “espírito da época”, a Ciberideologia seria o sistema operacional social do hardware industrial cibernético-informacional-digital, a qual é apenas uma das etapas do longo e fragmentado processo de produção capitalista em sua atual fase histórica, que apesar de avançar qualitativamente em seus meios de produção é sustentada pelas permanentes práticas corrosivas que emanam da desigual e destrutiva lógica processual do capital, não limitando-se a preservar as contradições e descomunal desigualdades já estruturadas, como estabelecendo novas fronteiras nos meios de exploração/espoliação da mais valia, pavimentando o terreno para a implementação do que só podemos caracterizar como escravidão digital.

Sendo assim, podemos definir Ciberideologia como a ideologia do capital financeiro-informacional-digital. É a consciência social orientada à prática dos novos mecanismos da manufatura e extração do mais valor na atual fase histórica. Como resultado de suas orientações leva importante estigma de formação social, cujo as práticas produtivas dominantes adotam como definitivo quadro de referência a indústria 4.0, que tem como seus princípios norteadores a capacidade de operação instantânea, virtualização, descentralização, orientação aos serviços - capital imaterial - e modularidade⁴⁴.

43. Marx, K. Grundrisse p. 65/66, Boitempo, São Paulo, 2011.

44. Respectivamente os seis princípios da indústria 4.0; A Operação instantânea seria a capacidade de acompanhamento da produção em tempo real pelo acúmulo e processamento de dados de forma instantânea operacionalizada através dos sistemas ciber-físicos como a “internet das coisas” e “armazenamento em nuvem”. A Virtualização propõe a digitalização dos componentes materiais da produção, uma cópia virtual das fábricas inteligentes, possibilitando rastreabilidade e monitoramento remoto de todos os processos por meio da instalação de sensores a cada parte do maquinário físico. A Descentralização possibilitará as decisões quanto a produção serem tomadas pelos sistemas ciber-físicos de acordo com as necessidades da produção em tempo real. A orientação aos serviços utiliza arquitetura de softwares orientada a serviços, a partir da técnica informacional da “Internet services”, como as URAs - unidade de resposta audivel - sistema de atendimento automático de chamadas de telefone largamente utilizadas no setor de telemarketing. A Modularidade é o planejamento da produção em módulos separados e independentes, mediado pela demanda, possibilitando



Tais princípios práticos associados ao maquinário informacional digital abrem novas fronteiras para o surgimento de novas estratégias de extração do mais valor, alargando horizontes para exploração do trabalho humano e podem ser claramente observados pelas novas estratégias possibilitadas e viabilizadas via TICs. Podemos citar exemplos, como o fenômeno da uberização e pejetização⁴⁵, como práticas exploratórias que oscilam entre a superexploração e auto-exploração do trabalho, e que por esse motivo devem ser escamoteadas, ofuscadas pelos brilhantes labirintos discursivos da ciberideologia - aquela dimensão que nos escapa a primeira aproximação, que é a dimensão das relações sociais inseparáveis da existência de toda a “parafernália” tecnológica em todos os seus gradientes de produção, seja na objetificação das mercadorias através dos processos fabris - capital material -, como nos serviços que sustentam e possibilitam sua continuação e funcionamento - Capital imaterial.

Ciberideologia como ideologia dominante.

Situamos ideologia dominante como aquela forma ideológica orientada aos interesses da classe em posição de controle do sistema sociometabólico da ordem social, estabelecida no espectro historicamente determinado da sociedade de classes. Em outras palavras é a consciência social prática dos interesses do grupo detentor do controle dos meios de produção material, cultural e institucional do sistema socio-político-econômico em vigência. Como ideologia dominante e determinada pelos interesses da classe em posição dominante, está necessariamente em oposição a outras ideologias antagônicas e críticas que levam em consideração os interesses das classes em posição subjugada, configurando assim um embate entre variadas formas ideológicas pelo controle do extrato social.

Uma vez que as próprias sociedades estão divididas internamente, as ideologias devem definir suas respectivas posições antes de estruturarem o ponto de partida de seu discurso. Sendo as ideologias dominantes, ostentam posição “totalizadora” ou “universal”, enquanto as ideologias subjugadas ou críticas se colocam como alternativas estratégicas para superação das problemáticas e contradições apresentadas pela ideologia dominante, atuando nas brechas e fissuras do discurso da ordem dominante das estruturas sociais estabelecidas. Este é o conflito mais fundamental na arena social; a própria estrutura social, seus extratos hierárquicos, simbólicos e materiais (efetivos) que possibilitam os referenciais reguladores das práticas produtivas e distributivas das sociedades. “É por isso

personalização das mercadorias e descentralização da produção permitindo sua continuidade em caso de falha ou erro em alguns dos módulos do processo produtivo. Por fim a Intemporalidade é a comunicação direta em tempo real entre os gestores da produção e as máquinas envolvidas no processo de fabril. A utilização de sensores no maquinário aliado a sistemas de armazenamento em nuvem possibilitam o controle da produção de maneira remota e a qualquer momento. TRÓPIA. C, Indústria 4.0: Uma caracterização do sistema de produção, UFMG, Dept. de Engenharia da produção, 2015. 45. ANTUNES. R, O privilégio da servidão, Boitempo. São Paulo, 2018.



que o estruturalmente mais importante conflito - cujo o objetivo é manter ou, ao contrário, negar o modo dominante de controle sobre o metabolismo social dentro dos limites das relações de produção estabelecidas⁴⁶” é representada nas manifestações das “formas ideológicas [orientadas para a prática] em que os homens se tornam conscientes desse conflito e o resolvem pela luta⁴⁷”. A Ciberideologia como ideologia dominante entrelaçada as regras norteadoras da indústria 4.0 e a necessidade e interesses do capital na era digital-informacional promove seu discurso amparado, em termos simbólicos e matérias, pelo aparato técnico-científico-informacional e opera partindo das novas possibilidades e implementações das TICs em múltiplas dimensões sociais, se utilizando de variadas estratégias discursivas sempre orientadas à prática da intensificação da extração do mais valor, sendo assim práticas e mecanismos discursivos que promovem a permanência e reconstituição dos interesses de classe estabelecidos a favor do extrato social dominante. A partir dessas premissas identificamos a Ciberideologia como manifestação de um corpo ideológico dominante dentro do conflito pelo controle do sistema sociometabólico do capital.

Compreensivelmente a Ciberideologia, como ideologia dominante, leva grande vantagem na determinação do que pode ser considerado critério legítimo de avaliação do discurso, já que a classe que a sustenta e que dela extrai as benesses controla efetivamente as instituições culturais e políticas da sociedade. Todo aparato e mecanismos materiais como propaganda nas mídias de massa tradicional - TV, Rádio, Jornais - mas, sobretudo nas novas estruturas de mídia possibilitadas pelas revoluções das TICs, que é seu terreno natural de atuação e reprodução por assim dizer, por onde inéditas formas de engenharia social são aplicadas no corpus societário, ou sendo mais explícito, na carne das classes sociais subjugadas e exploradas, e dos indivíduos que a constituem, da qual o discurso ideológico dominante deve lançar todo seu poder “orientador” e mobilizador, de acordo com a “ciência e tecnologia” com fim último de manutenção do controle da sociedade. Dos sofisticados algoritmos sociais às técnicas de big-data e bolha nas redes sociais, as estratégias discursivas são usadas e abusadas abertamente para a efetivação e manutenção das relações hierárquicas de controle e subordinação social preestabelecidas e das severas e perversas condições de exploração do trabalho humano submetidas e conjugadas à lógica da reprodução continuada do capital alienante e reificante, agora em nova faze virtual-digital.

Como forma de ideologia dominante, a ciberideologia tem por fim último a manutenção das relações sociais de produção estabelecidas e todas as suas contradições destrutivas - alienação em suas múltiplas dimensões, destruição da biosfera em escalas irreparáveis, miséria, desemprego e desigualdades assombrosas - as quais são inescapáveis do sistema

46. MÉZÁROS. I. O poder da Ideologia, São Paulo, Boitempo, 2004, p 65.

47. MARX. K. Prefácio a Contribuição à crítica da economia política.



do capital, ao mesmo passo em que introduz novos procedimentos de extração do mais valor ainda mais eficientes e perniciosos que intensificam as já agravadas contradições dentro do quadro social-econômico-ambiental, sempre orientados ao atendimento dos interesses da parcela detentora dos meios de produção material, cultural e institucional da sociedade a partir dos processos de produção ensejados no espectro da indústria 4.0, ou quarta revolução industrial como novo horizonte das práticas produtivas da manufatura que terão profundas repercussões sociais. A ciberideologia tem função determinante para a atenuação ou amaciamento das inevitáveis consequências corrosivas no corpo social e dos indivíduos aos quais tais estratégias discursivas se dirigem.

A ideologia do conceito de “era tecnológica” e “era digital”.

É traço comum em nossa contemporaneidade nos extasiarmos diante dos “milagres” da tecnologia moderna, com o poder da engenhosidade e pujança que a sociedade humana, em sua atual faze histórica, possui na manipulação e controle das forças naturais para criação de bens e confortos jamais sonhado por homens de outrora. É comum ante ao acelerado desenvolvimento das forças produtivas, imbricado aos exponenciais avanços tecnocientíficos, ficarmos pasmos e boquiabertos diante das verdadeiras maravilhas tecnológicas que nos cercam e que nos são apresentadas como soluções para os mais variados desafios da humanidade, sejam as mais insignificantes e cotidianas necessidades individuais, às enormes e significativas problemáticas de ordem coletiva que atingem a sociedade de maneira totalizante. Diante de tais “milagres da ciência” creditamos, a primeira aproximação, um caráter estritamente positivo a esse atual momento histórico, tomando seus objetos e técnicas, jamais imaginadas em épocas precedentes, como prova cabal de sua inevitável posição de superioridade frente às demais eras da sociedade, distinguindo qualitativamente essa “era tecnológica” dos demais momentos históricos, chegando mesmo destacar do fio da história nossa “era de maravilhas tecnológicas”, sem par em outros momentos precedentes, decretando-se até mesmo “o fim da história”⁴⁸.

Entretanto, nos parece necessário distinguir tal noção que nos é apresentada a primeira aproximação, e ultrapassar esse “primeiro momento” que nos é vendido como solução irremediável para todos os problemas humanos, sejam eles de ordem individual ou coletiva, assumindo uma postura crítica que separa-se de tal atitude imediata que procede fora do campo histórico, para compreender e explicar os verdadeiros motivos da exaltação e enaltecimento dessa era.

O professor Álvaro Vieira Pinto em sua obra; *O conceito de tecnologia*⁴⁹ constrói seu con-

48. FUKUYAMA, F. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992


49. PINTO, A. *O Conceito de tecnologia vol. I*, Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

ceito do que seria “era tecnológica” na sociedade com o propósito de estabelecer os necessários alicerces sociais imbricados a toda e qualquer tecnologia, o qual adotamos como referencial para nossas próprias conceituações:

O conceito de “era tecnológica” encobre, ao lado de um sentido razoável e sério, outro, tipicamente ideológico, graças ao qual os interessados procuram embriagar a consciência das massas, fazendo-as crer que tem a felicidade de viver nos melhores tempos jamais desfrutados pela humanidade. Para dar esta impressão, faz-se mister recorrer a diversos sofismas (...) Um deles, que desde já convém mencionar, consiste na conversão da obra técnica em valor moral. A sociedade capaz de criar as estupendas máquinas e aparelhos atualmente existentes, desconhecidos e jamais sonhados por homens de outrora, não pode deixar de ser certamente melhor de que qualquer outra precedente. As possibilidades agora oferecidas aos possuidores de recursos para ampliar a formação cultural não encontram paralelo no passado. Logo esta época é superior a todas as outras, qualquer indivíduo hoje existente deve dar graças aos céus pela sorte de ter chegado à presente fase histórica, onde tudo é melhor que nos tempos passados. Com esta cobertura moral, a chamada civilização técnica recebe um acréscimo de valor, respeitabilidade e admiração, que naturalmente, reverte em benefícios as camadas superiores, credoras de todos os serviços prestados a humanidade, dá-lhes a santificação moral afanosamente buscada, que no seu modo de ver, traduz em maior segurança⁵⁰.

Identificamos que semelhante artifício discursivo se processa nos labirintos tecno-ideológicos (ciberideologia) de nossa atual “era digital”, primogênita e herdeira natural da “era tecnológica” apresentada pelo professor Alvares Vieira Pinto. Como orientação prática concatenada aos interesses da classe dominante, a exaltação anistórica do tempo presente, e por conseguinte do quadro hierárquico social vigente, tem papel fundamental para uma delimitação estática do quadro social hierárquico. Sua função de “engessamento das relações sociais” leva a marca de formação de um quadro onde a posição das classes é pré-determinada, numa sacralização das hierarquias sociais vigentes, onde naturalmente as classes em posição privilegiada gozam dos resultados práticos dessas mistificações ideológicas. Assim identificamos em nosso conceito de ciberideologia semelhante mecanismo argumentativo, que opera com clara intenção escamoteadora na promoção da confusão intelectual, de arapuca para a razão. Em outras palavras uma armadilha, um perigoso mecanismo ideológico discursivo utilizado em prol das classes em posição dominante para promoção de seus interesses. O “sofismo da conversão da obra técnica em valor moral” como citado pelo prof. Álvaro é apenas um dos mecanismos argumentativos falaciosos associados às correntes ideológicas dos apologétas da “era da tecnologia” e presente na ciberideologia como metadiscurso ideológico de nossa “era digital”.

50. Ibidem, pág. 41



A tática discursiva de moralização da técnica apresentando uma suposta “era da tecnologia” e sua sucessora a “era digital”, como o último horizonte da história, como último ponto de chegada almejado pela espécie humana, coabita com outra estratégia discursiva que é a sacralização do tempo presente. A partir do destacamento do fio da história de forma moralmente qualitativa, imediatamente posiciona aquela classe que detém os meios de produção como “paladinos morais superiores” e necessariamente justificando moralmente sua posição de dominação, sacralizando as classes dominantes como verdadeiros deuses, enquanto que as classes em posição subjugada são postas como indivíduos brutos e atrasados. Numa verdadeira “religião do consumo”, as classes subjgadas devem “adorar” às classes “superiores” como seres a serem copiados, criaturas deificadas devido a sua aparente, e falaciosa, superioridade, na vã esperança de um dia alcançá-los, mas sempre a caminho de um horizonte que nunca chega.

A sacralização do presente não apenas enrijece a trama social ao colocar as classes dominantes em posição de permanente dominância, e logo relegando as classes em oposição direta em permanente subjgação, como coloca àqueles que se opõe as correntes do “desenvolvimento” como verdadeiros criminosos. Tais indivíduos desviantes devem ser encarados como verdadeiros criminosos, reacionários e idealistas que devem ser atacados e desacreditados a todo custo.

A Ciberideologia, como ideologia da atual “era digital” opera a partir desses mecanismos de estratificação social da tecnologia, trata-se da projeção desse novo modelo/padrão ideológico da produção capitalista da “era digital”, emergindo na estética do cotidiano, no imaginário popular, na moda, na literatura, nas artes, por fim, na cultura da sociedade de mercadorias desde sempre global e agora mais do que nunca interconectada e em hipervelocidade.

Movimento dialético das ideologias e da ciberideologia.

Como nova forma de manifestação ideológica dominante de nossa “era digital” e entrenchada a partir das mudanças estruturais na produção social, possibilitadas pelos avanços técnicos tendo como horizonte referencial a indústria 4.0, a ciberideologia que também é material e simbolicamente amparada nas/pelas mercadorias/objetos tecnológicos dessa “era digital” e manifesta-se em grande variedade de discursos que aborda indivíduos e o corpo social através de variadas estratégias discursivas em diversos campos do fenômeno humano para efetivação de seus objetivos, que é a adoção e reprodução de seus valores e práticas de maneira pré-reflexiva por indivíduos e grupos que sejam envolvidos em suas tramas discursivas, sem assim perceber as inevitáveis conexões aos interesses das classes dominantes que de fato gozam das benesses desses maravilhosos artigos de última gera-



ção, tanto extraíndo fruição diretamente do consumo desses, como a partir da extração de seus benefícios econômicos, tem como principal consequência a manutenção das desigualdades e exploradoras relações de produção, protegendo convenientemente as privilegiadas posições da classe detentora dos modos de produção. Mas a questão posta é: como se dão esses movimentos que estruturam as desigualdades hierárquicas de nossa sociedade e de que modo?

Identificando a ciberideologia como uma consciência social prática dentro do quadro referencial histórico atual está, inevitavelmente, em relação dialética a outras formas ideológicas em movimento constitutivo, de caráter dinâmico e conflituoso e tem suas estruturas constitutivas em constante complexificação, sempre de acordo com os traços práticos das formas de produção sociais estabelecidas. Em nossa atual “era digital”, tais traços estão ensejados nos parâmetros norteadores da Indústria 4.0, sobretudo as ideologias hegemônicas, dominantes, aquelas que estão estabelecidas como totalizantes ou que refletem os interesses da classe no topo da escala da sociedade de classes. Devemos logo entender que as ideologias são fenômenos em constante movimento, ou seja, tem caráter iminentemente dinâmico. Entretanto torna-se mister estabelecer que tal movimento não emerge no horizonte como algo totalmente novo como uma coisa em sí, em contornos kantianos. Uma estrutura ideológica inédita é antes de tudo continuação de estruturas já estabelecidas, mas que devem ser continuamente ressignificadas para se adequarem aos novos interesses de classes envolvidos, que também tem caráter dinâmico e dialético, ou seja, também estão em constante mudança e rearranjo no decurso da maré da história. São essas forças dinâmicas, os interesses dos homens que formam o conjunto das classes em posição oposta, que são o impulso principal desse movimento constitutivo e reconstitutivo das ideologias.

Como as ideologias estão sempre atreladas as forças conflituosas na sociedade de classes, devemos estabelecer, uma vez mais, seu caráter dialético no espírito de uma dialética hegeliana, lançando um olhar tripartido atento aos elementos em “aparição”, “desaparição” e em “permanência”. Quais foram os elementos do antigo corpo ideológico hegemônico que somem, que desaparecem, para dar lugar as novas estratégias discursivas que surgem para preencher o vazio do elemento em desapareção, e o que perdura, resiste desse antigo corpo ideológico? Em outras palavras, o que some e porque some, e o que permanece dentro desse novo quadro ideológico em aparição? Esses imanentes momentos de virada ideológica sempre vêm acoplados a mudanças estruturais nas sociedades, não só nos aspectos materiais econômicos da produção, mas em todo o espectro da fenomenologia humana, no que poderíamos chamar de ethos de um determinado grupamento social.

Tal movimento, no entanto, não é característica exclusiva da ciberideologia como ideolo-



gia dominante de nossa “era digital”, é antes um traço constituinte de toda ideologia que tem seu discurso concatenado a classe em posição de dominância no extrato social. Então qual seria o traço exclusivo, a novidade histórica da ciberideologia? Para chegarmos a essa resposta se torna imprescindível não apenas lançar olhar crítico a ideologia como tal, mas para os aparatos que sustentam, simbólica e materialmente, o discurso ciberideológico. Para tanto lançamos mão da análise dialética para melhor compreendermos as mercadorias/objetos de nossa era digital, mas sobretudo da relação dialética entre as máquinas digitais e seu criador; o homem que as planeja, as constrói e as consome.

Distopia cibercapitalista; Capitalismo sem atrito e uberização.

Magnatas da internet que obtiveram fortunas e ergueram verdadeiros impérios através da exploração das tecnologias da informação e comunicação - e sobretudo dos trabalhadores e trabalhadoras que engendraram e labutaram para sua criação - exaltam os avanços técnicos proporcionados pela internet e TICs como a solução final para as contradições da sociedade. Personagens como Bill Gates e Steve Jobs, tidos como “capitalistas pragmáticos” e gurus do mercado cibercapitalista digital, a partir de sua posição inerentemente vantajosa podem proclamar sua crença fantasiosa de um mundo livre das injustiças e contradições no que eles chamam de um Capitalismo sem atrito⁵¹. Neste capitalismo da era digital, a internet é o palco onde as relações econômicas são representadas. Trata-se de um capitalismo liso, limpo, ascético, limpo de qualquer textura, de quaisquer farpas espinhentas, os atritos - em outras palavras as contradições imanentes ao capital, como extração da mais valia, alienação em suas múltiplas dimensões, assim como suas desastrosas consequências no corpo social e material, como a degradação da biosfera e desemprego em massa - ficam totalmente fora do quadro de referência adotado pela ideologia desse cibercapitalismo e a ciberideologia que é sua consciência social orientada para a práxis dominante.

A monstruosidade dessa articulação é que além de retirar a priori todas as contradições imanentes ao capital do quadro de referência ideológico, também desertifica a paisagem social, ou seja, tenta transparecer um mundo de maravilhas digitais, planificando o relevo social apenas em aparência, onde no mundo virtual, acessível a todos os sujeitos ali inseridos, todos são iguais. Assim exclui eficientemente a dinâmica das classes antagônicas inseridas no quadro das relações produtivas. Assim, além de escamotear a tortura de trabalhos pesados e insalubres para a criação da base material da produção informacional-digital-conectada, também invisibiliza o trabalho de milhões de trabalhadores engajados na produção imaterial⁵², no setor de serviços. Como exemplo podemos citar desde as cadeias

51. Slavoj Z, *Menos que nada*, São Paulo, editora Boitempo 2010, pág. 88

52. Trabalho imaterial nos termos marxianos seria toda atividade laboral que não envolve diretamente a criação de uma



de empresas telemarketing, às empresas de manutenção técnica do arcabouço material da rede, servidores, torres de comunicação, etc., necessário para o funcionamento das engrenagens da internet e das máquinas de nossa era digital. Mais uma vez, a venda das “iscas luminosas” desertifica a realidade de objetificação e escravidão do trabalho de homens e mulheres relegados ao esquecimento social. Por trás da escuridão dos displays inertes destituídos do espetáculo das luzes da ciberideologia quase podemos ouvir os ecos das lamurias dos “fantasmas de carne”, espectros, restos do tempo de vida objetivado de milhares de trabalhadores e trabalhadoras.

Um exemplo claro de modalidade de trabalho on-line amparada simbólica e materialmente nas TICs que utiliza largamente a ciberideologia como instrumento mobilizador para a exploração do mais valor é o Uber. Vendido ideologicamente como “aplicativo de caronas”, o discurso do Uber direcionado aos “parceiros”, apelido eufemisticamente dado aos motoristas em desigual relação de assalariamento, declara tratar-se de uma forma do sujeito incrementar sua renda de maneira independente. Na fórmula do Uber o “parceiro” conectado a um aplicativo de celular e mediante um contrato, aceita “livremente” seguir certas regras mínimas e acessíveis para realizar um serviço de qualidade no atendimento de uma demanda de passageiros que necessitam de transporte seguro. O aplicativo como intermediário virtual entre o passageiro e o “parceiro” cobra taxas que oscilam entre 25% a 40% do valor da corrida, também determinado pelo próprio aplicativo. O que fica ofuscado por essa mensagem inicial são as relações de trabalho ensejados nesse processo de uberização.⁵³

A promessa de acréscimo de renda é articulada de maneira puramente ideológica. Tem caráter de formação social associada a uma prática específica; a acumulação de força de trabalho que se “auto explora”, que abdica “livremente” de seus direitos ao aceitar os termos contratuais do aplicativo, abrindo mão de seus direitos trabalhistas como seguridade social, assim como na externalização de todo custos e risco para efetivação do serviço de transporte oferecido; o automóvel, combustível, gastos com manutenção do veículo, alimentação, limpeza, acidentes, violência no trânsito etc. Aproveitando-se da miséria do desemprego e da pobreza em larga escala como um dos principais motores de seu sucesso empresarial, a Uber promove o que podemos chamar de escravidão digital. Ideologicamente articulada para encobrir os processos de superexploração e precarização do trabalho, o indivíduo que se auto explora efetivamente custeia toda a operação do Uber. Mas além de se auto explorar o “parceiro” ideal sequer perceber as relações de desigualdade e explo-

mercadoria em sua objetificação, na criação do valor de uso das mercadorias, ensejado em suas propriedades materiais, mas tem direta relação com a efetivação das mercadorias na criação do mais valor na forma de valor de troca, que subordina toda a razão produtiva, seja material ou imaterial. Trata-se do caso do setor de serviços como no caso dos transportes e na atuação dos trabalhadores no comércio como vendedores e funcionários administrativos, que atuam apenas na ampliação do valor de troca das mercadorias.

53. ANTUNES. R, O privilégio da servidão, Boitempo. São Paulo, 2018. p.35.



ração ensejadas nesse modelo de negócio, chega mesmo a vangloriar-se por seu privilégio da servidão⁵⁴, acreditando-se assim em posição de superioridade, muito melhor que a do desempregado, dando mesmo graças a Deus, e até mesmo mantendo uma postura servilista para com seu explorador, numa espécie de síndrome de Estocolmo⁵⁵. Como bem aponta Marx no Grundrisse “a produção não apenas cria um objeto para o sujeito, mas também o sujeito para o objeto”, ou seja, o discurso ciberideológico do Uber não apenas determina os parâmetros do serviço prestado, mas sobretudo cria o “parceiro”, o sujeito do objeto. O “aplicativo” - que na verdade é uma empresa privada global de transportes, disfarçado sob a forma de trabalho desregulamentado, sob o fantasioso slogan do “empresário de si mesmo” e do “empreendedorismo” disfarça de maneira eficaz o assalariamento e estruturas de controle a qual impõe a seus “parceiros”, chegando mesmo a fazê-los acreditar estarem livres para escolherem o horário em que vão trabalhar, sem perceber que não trata-se da hora em que vão trabalhar, mas quantas horas o terão de fazer para cobrir os custos da operação e ainda ter “lucro” para não terem de “pagar para trabalhar”.

Assim entendemos a ciberideologia como continuação e refinamento das estruturas de controle ideológico já implementadas pela classe dominante, que efetivamente controla os meios de produção cultural, material e imaterial, da sociedade de mercadorias. Por isso mesmo, também determina os quadros referenciais da sociedade agora sob a forma definida pelos parâmetros da quarta revolução industrial, ou indústria 4.0, mobilizando e desmobilizando as classes em posição subjugada. Nosso objetivo final nesse trabalho é duplo; é desvelar seu caráter de mobilização pré-reflexiva, apelando à razão crítica através da “escuridão esclarecedora”, pelo suspender das luzes, para assim perceber o reflexo inevitavelmente social nos espelhos negros dos displays das máquinas digitais que dominam nossa paisagem social. E denunciar a prática de domesticação social que operam a partir do maquinário informacional-digital-conectado na criação e determinação não só do objeto do consumo, mas do modo de consumo e do próprio consumidor, como bem nos lembra Marx. Para assim tentar se desvencilhar dessas luzes ofuscantes de nossa era digital e quebrar o ciclo de determinações externas e alienadas, na difícil tarefa da auto-determinação em busca da liberdade.

54. *Ibden.*

55. Síndrome de Estocolmo é o estado psicológico particular em que uma pessoa, submetida a um prolongado tempo de intimidação passa a ter simpatia, amizade, ou até mesmo amor a seus agressores.



REFERÊNCIAS.

MÉZÁROS, Istivan. O Poder da Ideologia, São Paulo: Boitempo, 2004.

ANTUNES, Ricardo. O Previlégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

MARX, Karl. Grundrisse. São Paulo: Boitempo, 2011.

PINTO, Álvaro Vieira, O conceito de tecnologia vol. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

TRÓPIA. Carlos, Industria 4.0: uma caracterização do sistema de produção, Minas Gerais: UFMG, Dept. de Engenharia da produção, 2015.

SLAVOJ, Zizeck, Menos que nada: Hegel a sombra do materialismo dialético. São Paulo: editora Boitempo, 2010.

BELL, Daniell. O Advento da Sociedade Pós-Industrial. São Paulo: Cultrix. 1974.

BELL, Daniell. O Fim da Ideologia. Brasília. Rio de Janeiro: Coleção Pensamento político. 1980.

FUKUYAMA, Francis. O fim da história e o último homem. Rio de Janeiro: Rocco, 1992